Introdução

Nelson De Luca Pretto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PRETTO, N.D.L. Introdução. In: *Educações, culturas e hackers: escritos e reflexões* [online]. Salvador: EDUFBA, 2017, pp. 19-25. ISBN: 978-85-232-2019-8. <https://doi.org/10.7476/9788523220198.0003>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

INTRODUÇÃO

Desde a minha dissertação de mestrado, fui criticado por escrever como jornalista. Não acho que escrevo como jornalista, na verdade, nem sei o que isso significa. Será que isso significa escrever de forma a ser entendido pelos outros? Mas, ao mesmo tempo, me pergunto: não deveria ser essa a tarefa mais nobre de todos os que escrevem, sejam literatos, cientistas ou jornalistas? Enfim, para um dos membros da banca para a qual apresentei minha dissertação sobre os livros didáticos de ciências, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 1985, esse era um problema e tive que ouvir, antes de iniciar a arguição, o forte vaticínio: “Apesar da linguagem jornalística, o trabalho é bom [...]” e com o complemento de que isso não impediria, para minha sorte, a minha titulação de Mestre em Educação. Fiquei impactado com isso a ponto de, ainda hoje, lembrar o comentário e trazê-lo para essa introdução com umas breves reflexões sobre a importância da comunicação científica.

A questão da divulgação científica sempre esteve presente em minha formação e atuação e isso desde os tempos do Instituto de Física, da UFBA, onde comecei minha vida de professor universitário em 1978. Não gosto muito dessa expressão, prefiro sempre trabalhar com uma mais ampla que é *comunicação científica*. A comunicação é uma constante na minha labuta diária como professor e como pesquisador, pois acredito ser fun-

damental trazer para o nosso cotidiano a conversação permanente com a sociedade sobre nossas reflexões acadêmicas. No passado, isso era muito mais difícil, pois praticamente só tínhamos as grandes mídias tradicionais, os jornalões, e conquistar espaços neles era algo para poucos. Esses poucos ocupavam as colunas de opinião, eram os entrevistados quando questões demandavam, digamos assim, um olhar mais científico sobre os fatos. As redes digitais de informação e comunicação potencializaram de forma impressionante as nossas possibilidades de comunicação. Se não conseguimos espaços nos grandes meios, montamos um *blog*, viramos *youtubers* (huumm, não gosto de usar essas palavras, que transformaram marcas comerciais em verbos e substantivos. O mesmo aconteceu com outra palavra da mesma empresa, a Google, e com isso *googlar* virou sinônimo de pesquisar), enfim, se não conseguimos espaço na grande mídia, podemos ocupar diversos outros ambientes com as facilidades trazidas pela miniaturização e a popularização das tecnologias.

Mas essas iniciativas individuais (e às vezes de coletivos), por mais que sejam importantes, não são suficientes. É necessário que tenhamos o desejo de comunicar e que consideremos o princípio da comunicação como algo intrínseco à produção do conhecimento. As universidades e centros de pesquisas precisam adotar como princípios estratégicos o desenho de políticas de comunicação científica para as suas instituições. Por isso que a comunicação sempre esteve presente e de forma indissociável à produção de conhecimento em nossos projetos na Faculdade de Educação da UFBA, seja no período no qual, junto com Mary Arapiraca, estive na direção da unidade, seja no cotidiano do nosso grupo de pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC). Como parte dos nossos projetos, implantamos rádios *web*, que também deram subsídios à publicação de livros e artigos; um canal de televisão – o *ÉduCANAL* –, para transmissão de aulas de graduação; o *Canal Polêmicas*, também associado a pesquisas financiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); páginas *web* e, muito importante, estímulo e indução à ocupação dos meios de comunicação por todos os integrantes do grupo de pesquisa e alunos, tanto de graduação como de pós-graduação.

Dessa forma, ao longo dos anos venho, produzindo artigos para jornais, para *blogs*, páginas *web*, fornecendo material para entrevistas a rádios e televisões, além de uma intensa produção de vídeos e depoimentos que são imediatamente publicizados em nossas plataformas, como a *Rede de Intercâmbio de Produção Educativa* (RIPE), projeto em desenvolvimento, que num primeiro momento obteve financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa no Estado da Bahia (FAPESB) e CNPq, continuando agora com apoio de uma Emenda Parlamentar da senadora baiana Lídice da Mata. Os recursos dessa emenda estão possibilitando que implantemos, de forma articulada e integrando outras ações na UFBA, um Programa estruturante que envolve a Faculdade de Educação (FACED), que momentaneamente o coordena, a Faculdade de Comunicação (FACOM) e o Instituto de Matemática e Estatística (IME), com importante participação da Superintendência de Tecnologia da Informação (STI) da UFBA. Esse Programa, denominado *Conhecimento Livre e Divulgação Científica* (C_LIVRE, leia-se *sêlivre*, de *ser livre!*), fortemente apoiado em tecnologias livres, especialmente com o intensivo uso de *softwares* livres em todas as suas etapas, tem como objetivo “Ampliar espaços e canais de divulgação e produção de conhecimento científico para além do espaço da universidade; fomentar a dimensão produção nas unidades da UFBA e das escolas dos sistemas de educação pública no estado da Bahia; produzir peças (vídeos, fotografias, textos, páginas web) para a divulgação da produção científica baiana; e, potencializar o uso de software livre na produção de vídeos e áudio de divulgação científica.”

Todos esses esforços fazem parte de nossa estratégia conceitual e política de considerar a comunicação científica parte integrante e fundamental do fazer científico. Essa comunicação se dá, em todo o mundo, por meio de diversas iniciativas, como as de museus e centros de ciência, programas de televisão na grande mídia, artigos em jornais, revistas e blogs de cientistas que publicam seus temas e, muito importante, para ter uma presença mais intensa como fontes para os jornalistas que escrevem matérias nas quais esses profissionais são especialistas. O que temos visto de forma muito intensa é uma quase ausência dos pesquisadores nos jornais e nas telas das televisões, dando espaço, especialmente no campo da edu-

cação, para a presença mais constante de profissionais das organizações ligadas ao mundo empresarial e de organizações não governamentais, conhecidos como os reformadores empresariais da educação, que passam a ocupar essas páginas com depoimentos e artigos, construindo assim a sua própria narrativa dos acontecimentos.

Nossa luta em defesa da valorização da comunicação/divulgação científica é antiga e não são poucos os que engrossam as fileiras dessa batalha, vindo de diversas áreas da ciência. Avançamos, é bem verdade, pois, a partir dessa luta, conseguimos um tento importante: a implantação de uma aba no sistema de Currículo Lattes para registrar nossa produção em Divulgação Científica. Registramos, pois, essas nossas publicações em outros meios que não as revistas científicas, porém, no momento da avaliação dos Programas de Pós-graduação e da nossa própria avaliação acadêmica, o que ali foi registrado simplesmente é desconsiderado. Ou seja, não vale nada.

Alguns autores, como sempre foi meu caso, além da contínua publicação na grande mídia, sistematizam essa produção, transformando-a em livro como este que está em suas mãos ou em sua tela neste momento, de tal forma a possibilitar ao leitor uma compreensão maior das reflexões realizadas no ato dos acontecimentos, fruto, obviamente, das pesquisas em andamento; com isso, pode-se contribuir para uma maior compreensão do conjunto da obra recente daquele pesquisador. Mas, mais uma vez, a sistemática de avaliação, definida por nossos próprios colegas, classifica esses livros como L1 no Qualis Livros³, ou seja, no estrato mais baixo da escala que vai até L4, colocando-os como “autorais ou coletâneas que atendam de maneira limitada os critérios estabelecidos para os estratos superiores”, estando eles no mesmo rol dos “livros de homenagens, comemorativos, de divulgação institucional, resultado de mostra de cinema e catálogos de exposição.”

Insistimos, no entanto, nessa prática, com o objetivo de intensificar a comunicação com a sociedade. Dessa forma, assim foi feito em 2008, com *Escritos sobre educação, comunicação e cultura*, livro publicado pela Edi-

³ Informações preliminares em: <<http://www.capes.gov.br/acessoainformacao/perguntas-frequentes/avaliacao-da-pos-graduacao/7422-qualis>>.

tora Papirus, e, depois, em 2013, com *Reflexões: ativismos, redes sociais e educação*, publicado pela Edufba.

Os textos da coletânea *Educações, culturas e hackers: escritos e reflexões* foram produzidos e publicados ao longo dos últimos três ou quatro anos. Com todo o risco de cometer aqui um autoplágio – algo abominável na academia –, resolvi, mais uma vez, reunir essas produções dispersas, retrabalhá-las e organizá-las em um livro, buscando dar um sentido de conjunto a esses textos e assim contribuindo um pouco mais para uma reflexão sobre o contemporâneo. Além do que, alguns dos artigos originais foram publicados em edições restritas, como catálogos, alguma revista especializada ou em blog, no calor dos acontecimentos.

Jorge Larrosa, inspirado em Nietzsche, pergunta-se, para saber o valor de um livro, se ele é capaz de andar ou dançar; e descreve os livros acadêmicos como aqueles que

[...] não podem dançar, nem sequer podem andar despreocupadamente ou saltar ao ar livre, e desde logo não podem subir montanhas e chegar até as alturas onde os caminhos se fazem problemáticos e o ar difícil de respirar. Sua escrita indica algo pesado e oprimido que oprime e esmaga o leitor: uma barriga afundada e um corpo inclinado, uma alma encurvada; um quarto pequeno com falta de ventilação, atmosfera carregada, telhado baixo; formalidade e mau humor, movimentos cansados, falta de liberdade.⁴ (LARROSA, 2003) (tradução nossa)

Não quero, pois, ser “[...] prisioneiro de um ponto de vista único” e de uma escrita fechada, mas buscar dar ao leitor possibilidades de um voar mais alto. Como diz mais uma vez Larrosa, “[...] escrever e ler é explorar todo o que se pode fazer com as palavras e todo que as palavras podem fazer contigo.” (2003, pos 175-177)

⁴ Los libros de los especialistas no pueden danzar, ni siquiera pueden andar despreocupadamente o saltar al aire libre, y desde luego no pueden trepar montañas y llegar hasta esa altura donde los caminos se hacen problemáticos y el aire difícil de respirar. Su escritura indica algo pesado y oprimido que oprime y aplasta al lector: un vientre hundido y un cuerpo inclinado, un alma que se encorva; una habitación pequeña y falta de ventilación, de atmósfera cargada, de techo bajo; formalidad y malhumor, movimientos cansinos, falta de libertad.

Pois, então, vamos ao livro. Ao longo dos primeiros artigos, mais amplos e com um pouco mais de profundidade em função de ter havido mais espaço nas publicações originais, procuro dar uma visão panorâmica das reflexões últimas que estou fazendo em torno dos temas da educação, cultura, ciência, universidade, política e, claro, das tecnologias digitais de informação e comunicação. Nesses, a partir dos textos originais, retrabalhei, juntando pedaços, incorporando novas partes, enfim, remixando-os e, com isso, dando a eles um caráter mais orgânico e mais completo. O segundo bloco corresponde ao conjunto de artigos e outros escritos menores em tamanho, mas que, no conjunto, refletem esse mesmo pensar e esse mesmo provocar que tem sido a marca de minha produção acadêmica e ativista. Todos os textos antes publicados foram revisados e, em alguns casos, retrabalhados para este livro. Alguns dados não foram atualizados justamente para deixar o artigo inserido em seu contexto.

O convite aos colegas que escrevem a Apresentação e o Prefácio surgiu a partir de distintas motivações. Curry tem sido atento e curioso sobre ao tema das tecnologias digitais e com isso terminamos nos aproximando para alguns papos sobre elas. Tenho dele uma referência das nossas reuniões na Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e, mais recentemente, como colega de conselho da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), onde é o atual vice-presidente. Rivoltella tem sido parceiro em projetos de pesquisa, juntamente com colegas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e por suas investigações na Universidade de Milano, Itália, que têm grande sintonia com as nossas. Temos tido importante diálogos sobre esses temas, tanto em visita minha ao seu grupo de pesquisa na Itália, como dele aos nossos grupos na Bahia e em Santa Catarina. Está sendo uma honra tê-los abrindo esse livro.

Para finalizar, faço um especial agradecimento à minha querida colega e editora, Flávia Garcia Rosa, e a todo o trabalho da Edufba. Agradeço muito também a cada um dos colegas professores, alunos e servidores da Faculdade de Educação (e, antes, do Instituto de Física) da UFBA, que têm me abrigado ao longo de quase 40 anos como professor dessa Universidade, aceitando de forma sempre animada e respeitosa minhas

inúmeras provocações acadêmicas, políticas e existenciais; aos colegas da UFBA como um todo, que têm participado de inúmeros embates políticos e científicos comigo e que me provocam sempre para um pensar cada vez maior. Agradeço também aos colegas e estudantes das outras universidades por onde ando, aqui e acolá, uma vez que estão na memória e no coração os sempre adoráveis encontros e tertúlias em torno desses temas; com isso, tenho certeza, ganhei mais eu do que qualquer um deles e, claro, tudo isso formando essa amálgama que gerou e gera esses escritos e reflexões.

Espero que a leitura provoque e possibilite a montagem de uma rede que cresça de forma a avançar na construção de um planeta justo, solidário e sustentável.

Nelson De Luca Pretto
Salvador, maio de 2017.